

A LIDERANÇA FEMININA NO CRISTIANISMO PRIMITIVO

*Alonso S. Gonçalves**

Resumo

A ordenação feminina entre os batistas brasileiros da Convenção Batista Brasileira, ainda é um assunto em pauta. Uma vez que o assunto vem sendo debatido a partir de concepções de gênero com duas vertentes, igualitarismo e complementarismo. A proposta deste artigo é pensar a liderança eclesial a partir da diversidade organizacional das comunidades do Novo Testamento, perguntando ainda se as mulheres tem participação nesse processo, levando em consideração o contexto quanto ao surgimento de textos bíblicos que tratam, especificamente, do papel das mulheres no cristianismo primitivo.

Palavras-chave: Ordenação Feminina – Cristianismo Primitivo – Igreja Batista.

Abstract

The female ordination among Brazilian Baptists of the Brazilian Baptist Convention, is still a subject on the discussion. Once the subject has debated from conceptions of gender with two strands, egalitarianism and complementarianism. The purpose of this article is to think ecclesial leadership from the organizational diversity of the communities of the New Testament, still asking if women have participation in this process taking into account the context and the emergence of biblical texts that deal specifically, the role of women in early Christianity.

Keywords: Women's Ordination – Early Christianity – Baptist Church.

* Mestre em Ciências da Religião (UMESP); Pastor batista (Igreja Batista Central em Pariqueira-Açu/SP); E-mail: <alonso3134@hotmail.com >.

Introdução

Entre os *batistas brasileiros*,¹ o assunto da *ordenação feminina* ainda é um assunto que vem sendo discutido nas seções regionais da Ordem dos Pastores Batistas do Brasil (OPBB). Por entender que as *igrejas batistas* são livres e, portanto, tem a sua autonomia em escolher o candidato/a ao ministério pastoral, a OPBB entendeu que esse assunto é decisão da *igreja local*, cabendo à OPBB decidir se aceita ou não mulheres em sua agremiação. Bem, esse tema dentro da OPBB foi amplamente debatido nas Assembleias da CBB. Na Assembleia, ocorrida em janeiro de 2007, em Florianópolis/SC, a OPBB decidiu *rejeitar* filiar pastoras, até que se fizessem novos estudos, cuja decisão em 2010, também em janeiro, só que em Cuiabá/MT, decidiu pela *negativa*. Naquela mesma Assembleia, as pastoras que haviam solicitado ingresso até a negativa, poderiam fazer parte da agremiação e teriam suas inscrições efetivadas. Na Assembleia convencional de janeiro de 2011, em Niterói/RJ, a expressão “pastoras” foi suprimida do Regimento Interno da OPBB. O assunto estaria acomodado se, na Assembleia de Aracajú/SE, em janeiro de 2013, uma das pastoras que legitimamente faz parte da OPBB, não tivesse sido eleita para uma das secretárias, tornando-se assim membro da Diretoria.² Em janeiro de 2014, a OPBB, reunida em João Pessoa/PB, decidiu que o tema deveria ser tratado a nível regional, onde cada seção da OPBB pudesse deliberar sobre o assunto. Assim, algumas seções – principalmente a do Estado de São Paulo –, vêm afirmando e confirmando posição contrária à *agremiação* de pastoras (Janeiro de 2015 em Sumaré/SP).

Ainda em torno da polaridade do tema, frequentemente o colocam entre duas tendências teológicas, *conservadora* ↔ *progressista*. Os *conservadores* tendem a acusar os *progressistas* de desvirtuamento bíblico-teológico, de não aceitarem a Bíblia em sua inteireza quanto ao assunto. Já os *progressistas* tendem a olhar os *conservadores* como retrógrados e misóginos.

Aqui, portanto, a proposta será olhar a liderança e sua configuração no Novo Testamento (NT) na tentativa de enxergar o papel (ou não) das mulheres no *cristianismo primitivo*. Tendo em vista que autores que abordam o tema focam, na sua

¹ Por *batistas brasileiros* se entende o segmento dos *batistas* no Brasil representados pela Convenção Batista Brasileira (CBB), ressaltando ainda a pluralidade de compreensões dentro desse grupo que compõem parte do *protestantismo* no Brasil.

² Cf. GONÇALVES, Alonso S. & SILVA, Natanael Gabriel da. *Pastoreio e compaixão: uma contribuição à pastoral urbana a partir da teologia pública*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013, p. 62.

grande maioria, nas chamadas “epístolas pastorais”, nomenclatura dada à 1Timóteo, 2Timóteo e Tito, procurando acentuar a posição *contrária* à liderança feminina³ no NT, ignorando outros textos do NT que contemplam a sua *diversidade e pluralidade* em termos de liderança e *elesiologias*.

“Vimos o ressuscitado”: as mulheres como testemunhas da ressurreição

A diversidade de textos do NT favorece, igualmente, a diversidade de concepções em diferentes assuntos. Dentre eles está o tema da liderança no *cristianismo primitivo*. Ignorar a pluralidade de *elesiologias* no NT não é possível, uma vez que há claras evidências de momentos *distintos* em termos de organização comunitária. Se nas comunidades paulinas a liderança estava baseada nos *dons espirituais*, nas chamadas “epístolas pastorais” há uma liderança *institucionalizada*. Desse modo, a multiplicidade na organização eclesial presente no NT, favorece uma compreensão da diversidade comunitária no *cristianismo primitivo*.

Em Atos dos Apóstolos (At), por exemplo, a liderança da igreja em Jerusalém era desempenhada pelos *Doze* apóstolos, sendo Matias escolhido para compor o quadro apostólico (At 1,15-26). Aqui, Paulo não se enquadraria como *apóstolo*, uma vez que o mesmo não fez parte dos *Doze*. Sendo sua liderança questionada na comunidade de Corinto (1Co 9,1), ele responde: *não sou livre? Não sou apóstolo? Não vi Jesus, nosso Senhor?* Mesmo que em Atos um dos critérios se constituiu em ser *testemunha da ressurreição* (At 1,22) para ser considerado um *apóstolo* e, portanto, participante dos *Doze*, Paulo e Tiago, por exemplo, não poderiam ser considerados *apóstolos* nos moldes de Atos, por não terem participado da vida de Jesus (1Co 15,8-9).⁴

Se a *ressurreição* se configurou em algo imprescindível para a confirmação de uma liderança no *cristianismo primitivo*, por que as mulheres foram deslegitimadas uma vez que foram elas, e não os (futuros) *apóstolos*, que viram Jesus ressurreto?

Indubitavelmente a *ressurreição* é um dos principais temas do NT.

³ É o caso do presbiteriano Augustus Nicodemus Lopes que faz uma análise dos textos bíblicos focando a questão do gênero e suas implicações teológicas. Cf. *Ordenação feminina: o que o Novo Testamento tem a dizer?* Disponível em: < <http://solascriptura-tt.org/EclesiologiaEBatistas/OrdenacaoFeminina-Nicodemus.htm>>. Acesso em: 08.10.2014.

⁴ Cf. DUNN, James D. G. *Unidade e diversidade no Novo Testamento: um estudo das características dos primórdios do cristianismo*. Santo André: Academia Cristã, 2009, p. 195-196.

No NT há já diversidade interpretativa quanto ao tema da *ressurreição*. A perspectiva neotestamentária acolhe, por exemplo, uma representação do *ressuscitado* em termos espiritualizante (Paulo), mas também concebe uma representação materializante (João), por exemplo.

Uma vez a *ressurreição* se configurando como um tema importante para a fé dos discípulos, o ser *testemunha* de tal “ocorrido” dá ao(s) *testemunhador(es)* a possibilidade de alimentar a fé de quem já caminhava com Jesus, e tinha nele a manifestação de Deus, como também dos futuros discípulos.

O ser *testemunha* da *ressurreição* se torna em elemento definidor na vivência comunitária: “a este Jesus Deus ressuscitou, do que todos nós somos *testemunhas*” (At 2,32). É dentro desse aspecto, que o *testemunho* apostólico se tornará fundamental para a comunidade de fé. Uma das *tradições* mais antigas da *ressurreição*, 1Co 15,3-8, traz as *testemunhas* da *ressurreição* constando os apóstolos, mais de quinhentos irmãos, Tiago e o próprio Paulo, “fora de tempo” como ele diz. Testemunhar a *ressurreição* é algo que todos gostariam de ter experimentado, sem dúvida, e alguns tiveram essa oportunidade privilegiada. Até porque esse *testemunhar*, como mencionamos, será um dos critérios para a composição do grupo apostólico (At 1,21-22).

As narrativas da *ressurreição* de Jesus (nos evangelhos sinóticos e João) mostram que *elas* foram às primeiras *testemunhas* da *ressurreição* de Jesus (Mt 28,1-8; Mc 16,1-7; Lc 24,1-10; Jo 20,11-18). Todas as narrativas, excetuando Marcos, traz a informação de que foram *elas* que levaram a notícia aos discípulos, e futuramente apóstolos, da *ressurreição*.⁵

Se o *testemunhar* a *ressurreição* se tornou em um elemento de fé para a nascente comunidade; se o *testemunhar* a *ressurreição*, mais a frente, transforma-se em critério para exercer a liderança na comunidade, por que as mulheres foram deslegitimadas?

E mesmo Paulo, que foi um “fora de tempo”, que se configura em liderança notável no *crístianismo* nascente, por que as mulheres que *testemunham* a *ressurreição* não foram nem mesmo mencionadas por ele (1Co 15,3-8)? Calvino, comentando esse texto em 1540, é específico: “ele não fornece uma lista completa, pois omite as mulheres. Portanto, quando diz que antes de todos apareceu a Pedro, devemos entender

⁵ Cf. REIMER, Ivoni Richter. *Maria, Jesus e Paulo com as mulheres: textos, interpretações e história*. São Paulo: Paulus, 2013, p. 53.

que ele (Pedro) é o primeiro entre os homens, de modo que a afirmação de Marcos (16,9) de que Jesus apareceu primeiro a Maria não é de forma alguma inconsistente”.⁶

Aparentemente é um caso típico de diferentes *tradições*. Felizmente elas (as *tradições*), chegaram até nós de maneira paralela. Mesmo assim, essa desconformidade com o mesmo fundamento de fé (a *ressurreição*), possibilita a pensar de que as *mulheres* foram sendo gradativamente marginalizadas enquanto protagonistas da *ressurreição*. Esse processo começa com os critérios para substituir Judas no colégio apostólico e o primeiro deles é: ser *homem* (At 1,21). É claro que, para as mulheres, o primeiro critério anula os outros dois (ter acompanhado Jesus e terem sido *testemunhas* da *ressurreição*).

A *tradição* de que mulheres *viram* o *ressuscitado* se tornou *texto* em uma época (80-90 d.C.) em que as relações na comunidade de fé passava por um processo androcêntrico. Mesmo assim essas *tradições* nos deixam claro de que foram as *mulheres* que *viram* o sepulcro vazio e o *anjo* falou com *elas*, ou seja, uma *hierofania*, uma manifestação divina.⁷ Mais ainda, são *elas* que recebem de Jesus a incumbência de levar a notícia aos discípulos e futuros apóstolos quando a sua *vitória* sobre a morte. Mesmo assim elas ainda não contam, pelo fato de serem mulheres e estarem em uma cultura marcada pelo *patriarcalismo*.

“Pertencemos a uma ordem”: o caso das viúvas em 1Timóteo

Que as chamadas “epístolas pastorais” são objeto de disputa quanto a sua (não) autenticidade paulina é um fato. Sobre Romanos ou Gálatas, por exemplo, há consenso quanto à autoria *paulina*. Pesquisadores do NT se dividem quanto à autoria das “cartas pastorais” que, aliás, levou esse nome a partir do século XVIII. Hoje, a autoria *paulina* das “epístolas pastorais” continua sendo discutida, mas há consenso, principalmente na *academia*, de que as “pastorais” provavelmente seja fruto de *discípulos* de Paulo,⁸ portanto, uma *pseudonímia*, ou seja, “os autores da[s] epístola[s] escrevem sob o nome

⁶ REIMER, Maria, *Jesus e Paulo com as mulheres*, p. 70-71.

⁷ Cf. REIMER, Maria, *Jesus e Paulo com as mulheres*, p. 70.

⁸ Os argumentos quanto à autenticidade paulina ou não das “cartas pastorais”, podem ser verificados em duas obras de referência no assunto: CARSON, D. A. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997 (sustenta a autoria *paulina* das “pastorais”). KÜMMEL, W. G. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 1982 (não aceita a autoria *paulina* das “pastorais”).

e a autoridade de Paulo”.⁹ Provavelmente as “epístolas pastorais” sejam fruto de um período *pós-paulino*. Se for assim, elas pertencem ao *círculo* de *discípulos* de Paulo que procuram lidar com problemas de ordem *doutrinária* nas comunidades da região de Éfeso.

As “epístolas pastorais” tomam como modelo eclesiológico as instituições do *império romano*. Nelas, está sendo retratado um período de *institucionalização* e a liderança reflete isso.¹⁰ Se antes a ênfase estava na liberdade e na profecia, onde todas podiam exercer os seus *dons* (no contexto *paulino*),¹¹ com as “epístolas pastorais” a liderança é centralizada no *bispo* ou *presbítero*. A fim de combater os “falsos” ensinos e os “falsos” mestres (1Tm 4,1-3), aparentemente de vertente *gnóstica*, as “epístolas pastorais” validam duas *armas* para conter os *falsos* ensinos e seus mestres: o clero (*bispo/presbítero*) e o credo (*a sã doutrina*).

É dentro desse contexto que a liderança *feminina* será deslegitimada. Não somente por adversidades externas (*falsos ensinos*), mas também dificuldades internas como, por exemplo, o *status* de ensinador(a) na comunidade que estava em disputa. Por esta razão a intimação de 1Tm 2,9-11 onde é, expressamente, solicitado que a “mulher não ensine”. Bem, se há esse pedido é porque há mulheres ensinando e elas não estão ficando caladas na comunidade. Elas estão exercendo *liderança* de alguma maneira. A julgar pelo texto, essa liderança não está sendo exercida beneficentemente.

Parece que o contexto de 1Tm 2,9-11 está relacionado a uma disputa de *poder* quanto à liderança comunitária, e nessa disputa algumas mulheres estavam envolvidas. Se 1Tm está lidando com disputas quanto à liderança, principalmente no ensino da comunidade, pedidos como “não aceites denúncia contra presbítero” (1Tm 5,19) devem ser considerados, uma vez que há na comunidade pessoas (alguém?) que estão querendo dominar a comunidade se impondo em relação ao *presbítero*. Uma das ferramentas que essas pessoas (mulheres?) estariam utilizando para dominar e se impor seria o *dinheiro*. Talvez mulheres ricas, com *status* de poder dentro da comunidade, querem se impor e dominar a comunidade e, principalmente, os homens. Não por acaso que o texto de 1Tm 2,9-11, pede para que mulheres não estejam presentes na comunidade “com ouro, ou

⁹ NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. *Experiência religiosa e crítica social no cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 150.

¹⁰ Cf. BONNEAU, Guy. *Profetismo e instituição no cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 233.

¹¹ Cf. ESTRADA, Juan Antonio. *Para compreender como surgiu a igreja*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 226-228.

pérolas, ou vestuário dispendioso”. Se há essas mulheres no grupo, o ensino proposto é de que haja “contentamento” e não “lucro”, uma vez que o amor ao *dinheiro* “é a raiz de todos os males” (1Tm 6,6-10). Se há mulheres querendo *dominar* a comunidade e a liderança *masculina*, há também mulheres que se dedicam à comunidade de maneira piedosa. Trata-se da *ordem das viúvas* que havia inclusive “inscrição” (1Tm 5,9-16).

As *viúvas* tinham um *ministério* na comunidade e isso é evidente em 1Tm. O caso é que essas mulheres estão causando preocupação, principalmente *viúvas* jovens. O fato é que há uma liderança *feminina* de *viúvas* na comunidade e elas não podem ser deslegitimadas em sua liderança como no caso das *mulheres ricas*.

Interessante notar que a lista de *qualificações* que se pede ao *presbítero* (bispo) e às *viúvas* são parecidas:

1Tm 3,1-7	1Tm 5,9-16
“esposo de uma só mulher”	“esposa de um só marido”
“irrepreensível”	“recomendada pelo testemunho”
“criando os filhos”	“tenha criado filhos”
“hospitaleiro”	“exercitado hospitalidade”

Ocorre que havia uma *ordem* e, ao que tudo indica, não havia idade para pertencer a ela, contanto que fosse *viúva*. Elas exerciam uma *liderança* na comunidade e é isso que 1Tm quer delimitar, ou seja, 1Tm está tendo problemas com mulheres *ricas* e olha a *ordem das viúvas* com certo cuidado a fim de *limitar* a atuação delas na comunidade, por isso os critérios que quanto a agremiação nessa *ordem* sendo um deles, o principal, idade mínima de 60 anos. Quanto às *viúvas* novas, 1Tm pede que sejam *rejeitadas*, porque podem querer se casar novamente.

Assim como não há desempenho de funções para com o *presbítero* (bispo – 1Tm 3,1), apenas qualificações. A *ordem das viúvas* de igual modo, apenas qualificações morais e espirituais. Sendo assim, há indícios fortes de que havia uma *liderança feminina* no contexto das “epístolas pastorais” que, provavelmente, se dedicavam a fazer visitas às famílias da comunidade bem como orações nas casas. Daí a preocupação

de 1Tm quanto a essas visitas, principalmente de mulheres que estavam sendo seduzidas por *falsos* ensinos. No texto, há uma tentativa de limitar a atuação do ministério *feminino* estabelecendo uma idade mínima (60 anos), mas não há uma proibição em relação ao que elas exerciam, pelo contrário, havia certo incentivo para que fossem “mestras” (Tt 2,3).

Considerações finais

Decorrente da discussão quanto à aceitação (ou não) do *ministério pastoral feminino*, está havendo um profícuo e intenso *debate* sobre o tema em nível denominacional. Mesmo que para alguns esse é um assunto *superado*, ainda é possível verificar a opinião de pessoas com diferentes enfoques: bíblico-teológico, sociológico e político.

Como a maioria do debate se dá em torno do *papel* da mulher em relação ao homem, o tema, por vezes, fica restrito entre os *igualitaristas* (que entende que tanto homem como mulher são iguais, não havendo distinção em termos de funções ou papéis) e os *complementaristas* (que entende que homem e mulher são distintos e cada um desempenha papéis diferentes). Dentro dessas duas concepções, o texto bíblico é invocado para dar base tanto ao conceito do *igualitarismo* como do *complementarismo*. Nesse sentido, os *igualitaristas* gostam de se utilizar de textos como Gl 3,28, por exemplo. Já os *complementaristas* se utilizam de textos onde a figura da mulher é colocada em segundo plano, em relação ao homem. Aqui os textos de 1Co 14,33b-36 e 1Tm 2,11-15 são os preferidos. Textos que expressam, de maneira contundente, o comportamento silencioso da mulher no culto.

Em relação aos dois textos usados pelos *complementaristas*, há um consenso de que ambos têm dificuldades quanto a uma exegese coerente e que, portanto, não podem ser taxativos. Em 1Co 14,33b-36 há uma disputa se a referida passagem é uma *glosa* ou *interpolação* ou ainda em que contexto Paulo está se referindo ao *silêncio* uma vez que em 1Co 11,5 as mulheres estão *orando* e *profetizando*.¹² Já em 1Tm 2,11-15 não se pode definir, prontamente, que se trata de todas as mulheres, podendo ser algo para aquelas que foram seduzidas pelos “falsos ensinos” e se desviaram (1Tm 5,15).

¹² Cf. BAUMERT, Norbert. *Mulher e homem em Paulo: superação de um mal-entendido*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 162-167.

Procurou aqui dar outro enfoque, embora os referidos textos e tantos outros que tocam o assunto de maneira direta ou indiretamente, devam ser estudados exegeticamente de maneira coerente e com o maior número de ferramentas disponíveis.

Partindo do pressuposto de que o NT tem a sua diversidade intrínseca, é notável de que a *eclesiologia* de Paulo será diferente da *eclesiologia* dos *Evangelhos* e que será diferente da *eclesiologia* de *Hebreus* como também das *epístolas pastorais*. Não é possível ignorar que na *eclesiologia paulina* o foco está nos *dons espirituais* e a igreja é composta por *profetas*. Também não se pode ignorar que as listas de *dons espirituais* em Paulo não há distinção de gênero. Sendo assim, é impreterível que se considere as *diferentes* *eclesiologias* presentes no NT e como elas se diferem em sua organização. A diferença, neste sentido, entre a *eclesiologia paulina* e a *eclesiologia nas epístolas pastorais* são evidentes. Na *eclesiologia paulina*, por exemplo, não é possível falar em *ordenação* (palavra que nem mesmo aparece no NT, mas sim *imposição de mãos*), porque os *apóstolos* não foram *ordenados* (assim como Paulo não foi), eles possuem *autoridade* devido aos critérios estabelecidos em Atos 1,21-22 e o próprio Paulo se considera um “fora de tempo”. A *eclesiologia paulina* não conhece uma *designação* oficial para o *ministério pastoral*. O que há são *pessoas* que possuem *dons* concedidos pelo Espírito Santo, que capacita pessoas para o *serviço* na comunidade. É claro que no caso de uma *mulher* ensinar ou profetizar na comunidade não dava a ela o papel de liderança na comunidade, mas isso pelo fato de que as comunidades paulinas reproduzem o *status quo* do seu tempo, ou seja, as mulheres não partilhavam dos mesmos direitos que os homens. Mesmo assim, as mulheres podiam exercer os seus *dons*. E não por acaso que Paulo, por diversas vezes, chama pessoas próximas a ele na tarefa *missionária* de colaboradores e *colaboradoras* (Rm 16,6 e 12).

A *eclesiologia paulina* é uma igreja de *profetas*. Nas comunidades paulinas o *profetismo* era o elemento que mantinha a comunidade em torno de pessoas carismáticas e aptas a dirigir a atividade eclesial.¹³ A ênfase nos *dons espirituais* se deve pelo fato de que a comunidade se entendia como iguais em dignidade de todos com todos, por esse motivo a coesão, incluindo aí a pluralidade em manifestações tão recorrentes nos textos de Paulo onde ele lista a diversidade dos *dons espirituais*. A comunidade é estruturada a partir do Espírito, ele é o doador da liderança carismático-profética que dirige a comunidade por meio da distribuição de *dons*.

¹³ Cf. ESTRADA, *Para compreender como surgiu a igreja*, p. 231.

Já na *eclesiologia das epístolas pastorais*, a comunidade passa a ser uma *instituição* e não mais uma comunidade de iguais. O Espírito Santo deixa de ser um “agente” propagador dos *dons espirituais* e passa a ser o legitimador do *ofício* de bispo. O foco agora são os *ministérios ordenados*. Por isso a ênfase na *imposição de mãos* (1Tm 5,22; 2Tm 1,6).

Entre essas duas concepções quanto à organização eclesial (dons espirituais – Paulo ou ofício – “epístolas pastorais”), ficam algumas perguntas: o *ministério pastoral* pode ser enquadrado como um *ofício* ou ele ainda depende de alguns *dons espirituais* para se realizar? Se ele for entendido como um *ofício*, o *dom* é intrínseco?

No NT há diversidade *eclesiológica* patente. Aqui foram elencadas duas vertentes. Uma que olha para os *dons espirituais* como elemento *condutor* da comunidade; outra que olha para a *institucionalização*, que confere a uma pessoa a *função* pastoral. De qualquer forma, e a que opinião possa ter, não é sensato ignorar essas duas *eclesiologias* que trazem em seu contexto diferentes maneiras de organização comunitária.

Referências

BAUMERT, Norbert. *Mulher e homem em Paulo: superação de um mal-entendido*. São Paulo: Loyola, 1999.

BONNEAU, Guy. *Profetismo e instituição no cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2003.

CARSON, D. A., MOO, Douglas J. & MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

DUNN, James D. G. *Unidade e diversidade no Novo Testamento: um estudo das características dos primórdios do cristianismo*. Santo André: Academia Cristã, 2009.

ESTRADA, Juan Antonio. *Para compreender como surgiu a igreja*. São Paulo: Paulinas, 2005.

GONÇALVES, Alonso S. & SILVA, Natanael Gabriel da. *Pastoreio e compaixão: uma contribuição à pastoral urbana a partir da teologia pública*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

GRUDEM, Wayne. *Confrontando o feminismo evangélico: respostas bíblicas para perguntas cruciais*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

KÜMMEL, W. G. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 1982.

LOPES, Augustus Nicodemus. *Ordenação feminina: o que o Novo Testamento tem a dizer?* Disponível em:

<<http://solascriptura-tt.org/EclesiologiaEBatistas/OrdenacaoFeminina-Nicodemus.htm>>.

Acesso em: 08.10.2014.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. *Experiência religiosa e crítica social no cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2003.

REIMER, Ivoni Richter. *Maria, Jesus e Paulo com as mulheres: textos, interpretações e história*. São Paulo: Paulus, 2013.